

## O CARRO

Em tempo de mudança ocorrem, com frequência, coisas que em demais ocasiões dificilmente se passariam. E nós, sem darmos conta, a elas nos habituamos, acabando o inusitado por converter-se em acontecimento comum. Rota a textura que nos liga, os actos dependem então da contingência de cada um e só a continuidade no tempo e no espaço une os factos desconexos.

Três moços, dissimulados por detrás de umas árvores, apreciavam, gulosos, a partida que haviam pregado a um casal de velhinhos que estava, nitidamente, fora de si.

O episódio era o desenlace grotesco de uma série de pequenos incidentes que, durante largos dias, os haviam tornado comparsas de uma mesma estória.

Os ditos velhinhos possuíam um minúsculo carro antigo que só os seus cuidados e uma qualidade, hoje perdida, permitiam andar. Ao feito, que pelos anos e raridade ficara exótico, acrescentavam-se uma capota colorida, que ora se levantava ou baixava, e uma carapaça redonda, assente sobre o porta-bagagem, que servia para resguardar o pneu de socorro. Enfim, atributos bizarros que chamavam a atenção e, sobretudo, fomentavam cobiça em uns quantos, daqueles que, nesta altura, tinham todos os motivos para aguardar melhoria. Entre estes, achavam-se três jovens mecânicos que, além da habitual sedução pelos artefactos de longe, dispunham de conhecimento suficiente para pressentir certo valor na peça. As características da viatura valiam de remate que o índole gaiata dos rapazes levava a preferi-la em detrimento de outras mais modernas. Depois, que obstáculo representariam dois velhos colonos de quem eles acreditavam dever cobrar justa compensação? Portanto, obedecendo à lógica inexorável e evidente do ressentimento, combinaram furto.

As vítimas potenciais, que entretanto necessitavam mais do que nunca do calhambeque, pressagiavam, por seu lado, toda a sorte de ameaça. O temor de possuidores frágeis, em situação precária, os induzia a magicar truques espalhafatosos para esconjurar os perigos mais aterradoros.

Apressados, amarraram, com grossas correntes de ferro fechadas por cadeados abstrusos, o carro a uma coluna do prédio oposto. Então, sentados contra a parede, ficavam horas a fio espiando pelas frestas das suas persianas. Gozavam, de antemão, uma vingança miudinha que brotava para fora em cochichos e risadinhas. Embora tarde, os pretendentes não faltaram ao encontro adivinhado e depararam-se com o inesperado acorrentamento que os irritou deveras. Asneiraram, deram murros, pontapés, empurraram, mas a viatura continuou impávida. Pois que haviam sido tomados de surpresa, decidiram voltar munidos do instrumental conveniente.

Pela manhã, o casal foi verificar se, durante o seu sono, algo havia acontecido ao automóvel e logo topou com indícios manifestos da falhada tentativa. Radiantes e orgulhosos da sua argúcia soltaram o carrinho, que iam tratando que nem um bicho de estimação, e foram, inchados, exhibir-se para a ilha.

Não é que esse lugar fosse, pelo momento, o mais apropriado para tal exposição, contudo, hábitos de passeio arraigados à sua época os arrastavam irremediavelmente para aí. Prostitutas e refugiados de várias proveniências não constituíam, de facto, o melhor público. Para estes, os dois seriam apenas resqúcio insólito de um passado para sempre transposto. Indiferentes, os velinhos terminaram a sua volta.

De novo, o calhambeque foi preso ao pilar e eles, antes de se deitar, cumpriram a sua faxina de espreita.

Pelo início da madrugada, chegaram bem apetrechados os moços e puseram-se à obra; no entanto, por grandes que fossem a habilidade e o esforço, nada alcançaram. Boa havia sido a armadilha dos proprietários e ela obrigava a arremetidas mais esforçadas. E outra vez, ainda antes do mata-bicho, puderam os donos dar razão à sua alegria. Buscaram amigos, conhecidos, simples transeuntes, e mostraram-lhes marcas de óleo, riscos, vários sinais inegáveis de assalto malogrado.

Já seguindo uma certa rotina, os rapazes retornaram, mas nenhuma determinação foi capaz de vencer aqueles tremendos cadeados e aquelas brutas cadeias.

Seguros de si, marido e mulher repetiam, entretanto meio descuidados, o rito da observação matinal. Porém, uma manhã, o pasmo e a aflição foram enormes ao descobrirem que mais um par de correntes, e este todavia maior que o seu, agrilhoava o automóvel à coluna.

Passantes, tardando um pouco, admiravam-se porquê que um carrinho tão pequeno estava preso por tamanhos ferros.